

Weber da Cruz/Mercado Sul Vive



A Ball Trans, evento em celebração a pessoas trans realizado sábado na Ocupação Cultural Mercado Sul Vive

» NAUM GILÓ

A cultura é uma energia transformadora e pode ser usada como uma arma contra a violência e o abandono. O Mercado Sul, em Taguatinga Sul, viu sua realidade mudar ao longo dos últimos oito anos, nos quais o espaço foi ocupado por coletivos artísticos. O que antes era um conjunto de imóveis abandonados, hoje tem a cultura pulsando nos becos e vielas.

Além de levar diversas linguagens desse universo para a região, a ocupação na QSB 12/13 proporcionou mais qualidade de vida à comunidade. Eli Ferreira, 41, mora no Mercado Sul desde 2012. Ela garante que muita coisa mudou desde a chegada do movimento e destaca a questão sanitária. “Lojas estavam abandonadas por décadas, havia acúmulo de lixo, ratos e baratas. O tráfico de drogas tinha forte presença no Mercado Sul. Os criminosos vendiam entorpecentes nas portas dos estabelecimentos abandonados”, relembra. “São problemas que ficaram no passado. E iniciativa leva arte para a comunidade, como oficinas de capoeira, teatro e espaços de vivência para as crianças”, completa Eli, produtora cultural e poetisa.

Quem acompanha tudo isso desde sempre é Ramona, nome artístico de Juliana Letícia, 23. Ela estava entre os primeiros a se instalarem no espaço e ainda mora na região, onde está à frente do Estúdio Molotov, de produções audiovisuais voltadas para artistas periféricos. Ramona

também faz parte do coletivo de dança vogue Casa de Onija, um dos pontos de resistência LGBTQIA+ do Mercado Sul. “Fui uma criança que cresceu aqui. Hoje, sou formada em audiovisual, mas foi aqui que descobri o cinema, pelos cineclubes, e uso essa arte para trazer luz para essas populações historicamente marginalizadas”, recorda a artista. “O Mercado Sul trouxe autonomia para famílias de baixa renda, e com a minha não foi diferente. Minha mãe conseguiu construir o próprio restaurante, onde serve a culinária tradicional do Nordeste, um negócio que atende a própria comunidade”, conta Ramona. Ela e a mãe são indígenas potiguaras de Ceará-Mirim (RN). “Aqui,

Cultura transforma a realidade

O Mercado Sul, em Taguatinga, completa oito anos de ocupação — uma vitória para a comunidade da região, que melhorou a qualidade de vida a partir da arte

trabalhamos com a diversidade de formações e manifestações artísticas e políticas. O Mercado Sul, inclusive, ajudou a mim e a minha mãe a resgatar as nossas origens enquanto indígenas”, comemora.

Resistência

O fotógrafo Weber da Cruz é atuante no Mercado Sul e membro da Casa de Onija. Ele destaca a região como um ponto de resistência para a comunidade LGBTQIA+ e de importante bagagem histórica dos tempos da construção de Brasília. “Ano passado, ganhamos em primeira instância o direito de ainda permanecermos nas lojas. A Justiça reconheceu o bem que a ocupação cultural faz para a comunidade e para os espaços que estavam ociosos, muito embora a lógica econômica de poder e política da especulação imobiliária sejam forças difíceis de derrotar”, analisa Weber.

Em seu trabalho de conclusão do curso de jornalismo, Weber se debruçou sobre a história dos primeiros anos da apropriação do coletivo Mercado Sul Vive (MSV), movimento que reúne artistas, produtores, comunicadores e moradores do Mercado Sul em prol da preservação do patrimônio material e imaterial do local. O grupo reivindica moradia, trabalho e direito ao uso cultural dos espaços abandonados, que antes limitavam significativamente a proteção do bem-estar da vida comunitária. Demandam, ainda, a desapropriação de alguns imóveis que estavam em ruínas antes das melhorias realizadas pela comunidade no conjunto de três blocos enfileirados de 28 lojas cada um. A noção de que ter uma moradia é igualmente cultura é uma das premissas mais importantes do movimento.

“O Mercado Sul é um lugar histórico da capital e que tem abrigado populações que não couberam na ideia da capital do futuro, moderna. Gente do mundo inteiro já passou por aqui. E é algo que vem há décadas sendo construído. A cena cultural do Mercado Sul não é de hoje, e continuamos firmando o chão, reafirmando a ocupação desse espaço de esperança, do encontro, da arte”, afirma Weber. Ele ressalta que o Mercado Sul faz parte de um movimento cultural histórico maior desempenhado por Taguatinga, que resistiu durante o período da ditadura militar no Brasil.

Celebração

Os oito anos da ocupação do Mercado Sul serão completados no próximo mês. Para celebrar a existência do movimento, a comunidade local vai promover uma ecofeira em 11 de fevereiro. Serão várias atrações, de oficinas e feijoada a shows musicais. (Veja programação ao lado.)



É um lugar histórico da capital e que tem abrigado populações que não couberam na ideia da capital do futuro”

Weber da Cruz, fotógrafo

Weber da Cruz/Mercado Sul Vive



Eli Ferreira testemunhou as mudanças no espaço

Thiago Alves Soares/Mercado Sul Vive



Na ocupação, Ramona descobriu o amor pelo cinema

Rick Paz/Mercado Sul Vive



O fotógrafo Weber da Cruz é atuante no Mercado Sul

Ecofeira

11 de fevereiro

13h: feijoada da Sônia

13h: roda de debate sobre os oito anos de apropriação do Mercado Sul

14h: roda de capoeira

15h: Oficina de Ervas e Ciclos com Senhora Verde

16h: a Casa Onija promove a vivência BallRoom — Mercado Sul

17h: Diele Mendes apresenta o espetáculo As aventuras de Goyá na Agrofloresta

Programação noturna, até meia-noite: apresentações de Calliandras, Jucá, Samba de Roda com Formigueiro Angola, Rick Paz e Kirá